> Sem máscaras: uma antologia dentro de casa, na quarentena

> No More Masks: an anthology from our homes, during the quarantine

organização de Ana Laura Malmaceda

Escritora, mestra em Estudos Brasileiros pela Universidade de Lisboa. Doutoranda em Literatura Lusófona e Francófona no programa de Romance Languages and Literatures em Harvard. E-mail: boenomalmaceda@g.harvard.edu. ORCID: 0000-0001-9168-7255.

Alice Sant'Anna

Poeta e editora. Doutora em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio, publicou *Dobradura* (2008, 7 Letras), *Rabo de baleia* (2013, Cosac Naify, prêmio APCA) e *Pé do ouvido* (2016, Companhia das Letras), além de plaquetes independentes. ORCID: 0000-0001-7775-0465.

Catarina Lins

Poeta e estudante de doutorado no departamento de espanhol e português da Princeton University. É autora dos livros *O teatro do mundo* (indicado ao prêmio Jabuti em 2018 na categoria Melhor livro de poesia), *Parvo Orifício* (2016), *Na capital sul-americana do porco-light* (2019) e da plaquete *Músculo* (2015). Seu próximo livro, *Um bom ano para o milho* (do qual o poema aqui publicado faz parte), será publicado em 2021. ORCID: 0000-0002-5827-2725.

Maria Lutterbach

Escritora e realizadora audiovisual. Pós-graduada em Edição pela Universitat Autònoma de Barcelona e bacharel pela Faculdade de Comunicação e Artes da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Email: marialutterbach@gmail.com. ORCID: 0000-0003-2709-2788.

Sofia Mariutti

Poeta e tradutora, autora de *A orca no avião* (patuá, 2017), mestranda em literatura alemã e tradução pela USP. ORCID: 0000-0002-8614-7796.

> Ensaio recebido em 25.04.2021 e aceito em 14.05.2021.

Diário

Ana Laura Malmaceda

No primeiro dia você comprou agulhas, pincéis, um violão, tal qual
uma criadora de microcosmos publicitários. No quarto, encomendou máscaras
pacotes não perecíveis e vegetais enlatados. Na quinta-feira o supermercado
entrega em sacos de papel que absorvem como tecido o calor das suas mãos,
agora paradas sobre o teclado encomendado dias antes. A superfície de
plástico com fatores nutricionais escorrega em sabão. Mutável, dança
com o toque das cascas de feijão que agora você trata como fatores
de risco. Seus pais e amigos pairam em partículas de poeira ou vírus.

Ao observar o céu nublado, você percebe que a terra sempre esteve em
órbita lenta mas jamais estável. Você escreve com os olhos um palimpsesto
da cidade vazia

algo como

finally, people will look at each other
for their present bodies
their fingers so fragile that

cannot point directions

without the imperative of desire

without presuming commodified narratives

without something else in mind

monuments will sleep alone, in silence

clouds will fall into a storm

ALL IN ONE

ALL AT ONCE

Você sabe em qual cômodo o sol nasce. Que seus amigos são adultos porque passam seus dias com crianças. Então é maio e você pensou em ter um diário mas teve medo de parecer um escritor narcisista que domina mesas de bar com a crença recalcada de um eu lírico tão necessário quanto uma máscara enfim você sabe a hora de parar de odiar homens você também sabe que todo mundo é narcisista você evita sempre parecer reducionista você talvez tenha traços ocultos de um bolsonarista você precisa parar você encontra a live da teresa cristina.

Você tentou não ler as notícias, você começou a perceber mudanças sutis no tempo do sonho, como se os dias fossem tecidos com um grau não declarado a cada poente, até que a tapeçaria mudasse de representação. O seu cabelo cresceu e você escutou todas as músicas da sua adolescência e agora reconhece que não só os pássaros como os ratos dividem com você a atmosfera antes por eles só ilustrada. Você sabe que **atmosfera** é uma palavra para lembrar que tudo se carrega. Você é convidado a viver um relacionamento platônico sem saber que uma mensagem de texto significava tudo isso. Sem que tudo isso. Seus amigos sofrem porque no dia subnotificado você os nega os braços ou ouvidos e como foi que você fingiu até aqui que tudo o que importava amanhã, supostamente sendo o instante presente, parece com o escopo de tudo o que sempre evitou? Você começa a aprender como perdia a cabeça quando o tempo te dava espaço para se observar enlouquecer. Você percebe que a loucura é sutil, como a lasca de porcelana perdida de uma xícara que você comprou no primeiro dia.

t a r t a r u g a

Alice Sant'Anna

o cheiro empestou a praia
os urubus iam e voltavam no céu
alguns caminhavam tranquilos na espuma
como se de agora em diante
fossem os donos
do mar da areia de tudo
os urubus metem medo
não têm a graciosidade dos pássaros
são aves da noite com asas espalmadas
duas mãos escolhendo a presa do alto
são a própria noite
sobre as nossas cabeças
vejo um bando ao longe
curvado e elétrico na areia
te pego no colo
para não perder o espetáculo
é uma cena que vai ficar na memória
a primeira vez que você vai ver
a morte de perto a primeira vez
que você vai ver um cadáver
maior que um inseto
não te levei para ver meu avô

deitado na cama já sem vida
você ficou na sala enquanto no quarto
escolhíamos o lençol que ia carregá-lo
para fora de casa
para sempre
é a primeira vez
mas talvez você já tenha percebido
o cheiro da morte empestear tudo
ao chegar perto vemos a carcaça
de uma tartaruga
a pele esbranquiçada solta no casco
como uma couve-flor
que passou do ponto na água quente
te levo para ver de uma distância segura
outras pessoas na praia fingem
que aquilo não é o suficiente
para pautar seus dias
e riem e jogam frescobol e entram no mar
como se outro assunto fosse possível
você olha um pouco desinteressado
dali a alguns minutos duas mulheres de luvas
vão buscar o que sobrou da tartaruga

penso na coragem das mulheres
em afastar os urubus
penso que se eles decidissem avançar nelas
a comoção seria geral
e aí o que eu faria com você?
correria para longe? ou pediria para você abrir bem os olhos?
explicaria que tudo é possível
e nunca nada - nada mesmo - está a salvo?
as mulheres talvez estejam tentando
devolver alguma dignidade
à tartaruga morta
ao fim de tarde na praia
digo para você olhar a cena com muita atenção
na hora de dormir vou pedir
para você me descrever
o que viu
em detalhes

C. À

POMME

CATARINA LINS

porque dói
porque às vezes, em vez disso, alguém permanece no meio do mastro
como um farol neutralizado
enquanto fala baixo
pra não distrair o filósofo mergulhado em Pascal

porque eu sonhei com ela e no sonho
estávamos no meu quarto antigo, na casa de infância,
mas era eu quem me inclinava
sobre a.

porque o azeite e a água são in-misturáveis
como você disse e viu, é claro,
como acontecia todas as vezes nas quais
tentava chegar perto

para todas aquelas pessoas, entretanto,
era "como um pai"

(Para mim, era antes como se precisasse
fugir - de outra maneira, queimaria ou então fugiria
para um lugar ainda mais longe)

Não estendo meus braços para alcançar a maçã - estou cansada de nadar
ainda que meus pés
continuem mergulhados n'água

- eu a jogo para cima e meus próprios dedos a recebem de volta -

No cômodo ao lado, alguém briga com os filhos

e, naquela época, ninguém conseguia entender
todos aqueles sonhos

Mas agora sim, e aí é que está - ou ^é precisamente esta a diferença

entre nós:

observamos juntas o cesto de frutas colorido, a faca que toca o pão,
frágeis
gemidos, formas

~~As maçãs do inverno~~

As maçãs do inverno colhidas no final do outono

O primeiro pomar de maçãs, plantado em Boston

As maçãs enviadas para o que de repente

parece uma farsa:

"Imagine um deserto na Terra."

Tem cheiro de quê?

Nada. Até que chova,

quando o ar é preenchido subitamente com odores doces, pastosos.

AS MANHÃS DE LÁZARO

Maria Lutterbach

Levanta-te e ama

Ama e amamenta

Amamenta e faz o café

Uma fralda antes, lava-te as mãos

O ovo mexido para poder parar em pé

Olha cada movimento que faz o menino ao comer um pedaço de melão
(as unhas fincadas para que não escorregue).

Levanta-te e lava-o

Sem deixar que alcance a faca

Atende a campainha, com a máscara

Duas sacolas de alimento para limpar

Uma colher de água sanitária para cada litro de água

Uma tampinha deve ser igual a uma colher

A dúvida que paira

O menino, cadê

Busca-o e brinca

Olha o telefone

Olha o telefone

Olha o telefone

O menino te olha

Levanta-te e enxagua os alimentos

Um

por

um.

Ensina o nome da batata para o menino, que ri

E engatinha mais rápido

Captura-o

sem parecer que foi fácil

Alegra-te com o gritinho

Que em três minutos será choro

Levanta-te e nina-o

Nina e canta a canção

Cantando, leva-o até a cama

Fecha a porta atrás de ti

Olha em volta e senta-te

Para pensar no desenho

que tem

O rosto do menino

essae a cord meus sonhoss

s f i a
m e
r i
u t t i

há muitos anos não ouvia o alto-falante das pamonhas
pamonhas pamonhas pamonhas
pamonhas de piracicaba
quantas décadas voltamos em alguns meses?
é o puro creme do milho
temos curau e pamonhas
pamonhas fresquinhas

antigamente na rua dos pinheiros
tinha esse outdoor que dizia
quer alugar? PALAIA
e essa última palavra PALAIA em letras tão grandes era como uma presença
era como se alguém estivesse ali
anunciando, quer alugar? PALAIA
eu estava aprendendo a ler e passava por ali toda semana
a gente tinha essa brincadeira de encontrar uma palavra escondida na cidade
os outros procuravam até achar enquanto o farol estava fechado
palavras pequenas palavras nos postes adesivos de carro palavras nos postos
de gasolina
e nessa brincadeira não tinha a menor graça falar PALAIA na rua dos pinheiros
qualquer um encontraria PALAIA na rua dos pinheiros
notei que era uma palavra chata que grudava na cabeça
palaia palaia palaia
e como ele adorava me irritar
repetia PALAIAPALAIAPALAIA no meu ouvido
não era muito diferente do moço das pamonhas
PAMONHASPAMONHASPAMONHAS
PAMONHAS DE PIRACICABA

mais ou menos na mesma época

me encantei com a palavra sujeito

algum vizinho escreveu PROIBIDO ESTACIONAR. DIA E NOITE. SUJEITO A GUINCHO
no portão de ferro e aquela frase não me cabia na cabeça
um sujeito que vem de guincho?

dizem que o strudel eu chamava de asdrubal

que era um personagem importante de bernardo e bianca

logo começamos a olhar para as palavras

mamão. masculino. mamãe.

papaia. feminino. papai.

estava claro que os papéis tinham se invertido

foi quando ele

virou pai que percebeu

mamar:mamãe

papar:papai

nem tão invertido

hoje ela diz a pata do pato e sorri

se delicia com o jogo na boca

o liguado chama assim porque come com a língua

e outros poemas prontos

chuva dentro do meu sonho
foi a frase que meu pai construiu com aqueles ímãs de palavras na geladeira
ficou por muito tempo lá na geladeira
chuva dentro do meu sonho
e anos depois recebi um postal
com um quadro do miró
uma mancha meio azul meio lilás num canto
~~photo~~
e no canto oposto, a frase
ceci est la couleur de mes rêves

le ve
ni rê

le el
ni ré

assim diz o outro quadro que levo comigo
as sílabas distribuídas em ondas
douradas sobre um fundo branco
uma tradução possível:

de ne
nem va io
de da
nem ver de

Poemas

Diário
por Ana Laura Malmaceda

tartaruga
por Alice Sant'Anna

C. à pomme
por Catarina Lins

As manhãs de Lázaro
por Maria Lutterbach

essa é a cor dos meus sonhos
por Sofia Mariutti

Referência para citação desta resenha

MALMACEDA, Ana Laura (org.); SANT'ANNA, Alice; LINS, Catarina Lins; LUTTERBACH, Maria; MARIUTTI, Sofia. Sem máscaras: uma antologia dentro de casa, na quarentena. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 3, número 1, p. 293 – 313, maio de 2021.